



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LUANA GONÇALVES COSTA

Desconectar o racismo: desaprender para ensinar

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Setembro/ 2025



LUANA GONÇALVES COSTA

Desconectar o racismo: desaprender para ensinar

Produto relacionado à dissertação “Narrativas de Professores de História na Pedagogia Decolonial: caminhos para uma educação antirracista”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unidade Regionalizada de Cáceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Marion Machado Cunha

Cáceres

2025

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS - COLONIALIDADE DIGITAL: DESAFIOS - PARA O ANTIRRACISMO NO ESPAÇO VIRTUAL

A forma como a colonialidade permanece e se perpetua, reproduzindo sua estrutura colonial de poder, na contemporaneidade, incorpora as tecnologias digitais. Ela se mantém de forma oculta e estrutural nas plataformas digitais, algoritmos e sistemas de vigilância. Tarcízio Silva, em seu livro *Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e Discriminação nas Redes Digitais*, analisa: “A colonialidade digital refere-se à reprodução das dinâmicas coloniais nas estruturas tecnológicas, especialmente nas plataformas, algoritmos e na circulação de dados, que mantêm e aprofundam desigualdades raciais, econômicas e epistemológicas.” (Silva, 2022, p. 57)

Logo, “As tecnologias digitais não surgem em um vazio, mas são construídas a partir das mesmas estruturas de poder que organizam o mundo colonial, patriarcal e racista.” (Silva, 2022, p. 60). Assim, o racismo estrutural perpassa o ambiente físico e se digitaliza. Nesse sentido, as estratégias para combater esta nova modalidade também precisam perpassar o ambiente físico e se digitalizar. Descolonizar as tecnologias, surge como uma das ferramentas de combate as inteligências artificiais racistas.

É preciso questionar a suposta neutralidade da tecnologia, regular e criar políticas públicas antirracistas digitais, bem como fortalecer narrativas e epistemologias negras no ambiente físico e digital. Ampliando a presença de profissionais subalternizados – negros, indígenas, periféricos, quilombolas entre outros – nesses espaços – ciência de dados, inteligência artificial e tecnologia – são formas contra-hegemônicas de combater a colonialidade digital.

2- O PRODUTO - DESCONECTAR O RACISMO: DESAPRENDER PARA ENSINAR.

É pensando em combater a colonialidade digital e o racismo algorítmico que o produto pedagógico foi pensado. Trata-se de uma ferramenta de educação digital crítica e antirracista que visa produzir, circular e valorizar conhecimentos contra-hegemônicos para professores de História e de outras áreas do saber.

O produto educacional *Desconectar o racismo: Desaprender para ensinar* nasce da compreensão de que o ambiente digital se tornou uma extensão e, ao mesmo tempo, uma intensificação das dinâmicas coloniais e racistas que operam historicamente na sociedade.

Se a escola pública, historicamente, foi um dos espaços onde se travaram lutas por acesso, permanência e valorização dos saberes não hegemônicos, no espaço digital a disputa epistêmica assume novas configurações, mediadas por algoritmos e sistemas que definem o que se vê, o que circula e o que é silenciado.

Do produto educacional:

DESAPRENDER PARA ENSINAR

Cursos Planos de Aula Cursos Mapa

Saberes Negros e Decoloniais na Escola

Aqui você encontra **cursos, vídeos e leituras** produzidos por intelectuais e coletivos negros.

[Acesse o conteúdo](#)

Cursos
Veja os nossos Cursos

Planos de aula
Acesse

Mapa Interativo
Confira

Rede de Apoio
Participe

Desaprender para Ensinar

Esta plataforma nasce do diálogo com professores da educação básica e do desejo de colaborar com práticas pedagógicas comprometidas com a justiça racial.

[Ler mais...](#)

[Conheça nossa pauta](#)

O que é Educação Antirracista e Decolonial?

[Acesse o Glossário Antirracista \(PDF\)](#)

[Assista: Consciência Negra e Identidade](#)

Saberes



Afrocentrados e a Escola

A valorização dos saberes africanos e afro-brasileiros no currículo escolar é uma exigência legal (Lei 10.639/03) e um compromisso ético.

Essa seção reúne materiais que ampliam a compreensão da diversidade africana e suas contribuições para a história, ciência, arte e filosofia.

[Acesse](#)

Materiais Didáticos e Atividades



Vídeos e Falas Inspiradoras

As vozes negras nos ensinam sobre resistência, existência e transformação.

Assista falas de intelectuais, artistas e educadores que compartilham suas experiências e saberes:

[Acesse](#)



Rede de Apoio

Participe de fóruns de troca com outros educadores.

Espaço seguro para compartilhar dúvidas, sugestões e vivências. Juntos, fortalecemos o compromisso com a equidade racial na escola.

[Acesse](#)

Quem Somos

Este produto educacional foi desenvolvido como parte de uma pesquisa de mestrado no ProfHistória – UNEMAT.

A proposta surgiu a partir da escuta ativa de professores da rede pública, que expressaram o desejo de aprofundar suas práticas pedagógicas em torno da educação antirracista.

Ler mais...



**DESAPRENDER
PARA ENSINAR**

A proposta do produto consiste em uma plataforma digital de formação docente voltada para professores/as de História e de outras áreas, com foco na promoção de uma educação antirracista e decolonial no ambiente físico e virtual. Estruturada como um repositório dinâmico de conteúdos, a plataforma oferece: a) Glossário Básico sobre conceitos-chave (colonialidade do poder, do saber e do ser; racismo estrutural; racismo algorítmico; epistemicídio etc.), com linguagem acessível e referências acadêmicas; b) Links para materiais de aprofundamento, incluindo artigos, vídeos, podcasts e produções de intelectuais negros/as e indígenas; c) Propostas de atividades pedagógicas e produtos do ProfHistória que conectam os conteúdos históricos com a realidade digital, estimulando o pensamento crítico sobre as tecnologias e suas implicações sociais; propostas de aulas e jogos com base em saberes afrocentrados; divulgação e veiculação dos produtos educacionais do ProfHistória.

E mais: 1) Saberes afrocentrados com links para propostas de aula; 2) Materiais didáticos e atividades com sugestões práticas; 3) Vídeos e falas inspiradoras para motivar e provocar reflexão; 4) Formação continuada com indicações de cursos e canais; 5) Quem somos + contato contextualizando o produto e sua origem acadêmica.

A concepção metodológica parte do princípio de que desaprender, no sentido proposto por bell hooks (2013) e Paulo Freire (1996), é um ato político necessário para que docentes e estudantes possam reconstruir práticas e saberes livres das amarras coloniais. O “desaprendizado” não significa apagar conhecimentos, mas reconhecer, problematizar e descolonizar aqueles que foram naturalizados como universais e neutros, quando na realidade carregam as marcas do racismo e do eurocentrismo.

Ao incorporar a dimensão digital no trabalho pedagógico, o produto busca também romper com a ideia de que a tecnologia é apenas uma ferramenta neutra. Ela deve ser compreendida como um campo de disputa, no qual a produção e a circulação de narrativas negras, indígenas e periféricas não apenas resistam, mas também promovam novas epistemologias. Assim, a formação docente promovida pela plataforma estimula não apenas o domínio técnico das ferramentas digitais, mas, sobretudo, a leitura crítica de seus impactos sociais e raciais.

O intuito é que os/as professores/as não sejam apenas usuários passivos das tecnologias, mas se tornem agentes produtores de conhecimento, capazes de tensionar e reconfigurar as lógicas hegemônicas que operam tanto na escola quanto na rede.

Dessa forma, o produto educacional atua como ferramenta de formação continuada e como espaço de articulação entre teoria crítica e ação prática, fortalecendo o compromisso ético e político com uma educação antirracista no século XXI.

Em síntese, a proposta reconhece que a luta contra a colonialidade e o racismo estrutural não pode se restringir ao espaço físico da escola. É no diálogo entre território, currículo e espaço virtual que se constroem possibilidades reais de transformação. A colonialidade digital, ao reproduzir desigualdades históricas no ambiente virtual, exige que a resistência também se digitalize, expandindo as trincheiras de luta para todos os lugares onde a vida acontece — inclusive e, cada vez mais, nas telas.

4 - REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SILVA, Silvio Luiz de Almeida. Racismo estrutural: uma abordagem conceitual. In: SILVA JR., Hédio; LIMA, Tânia Aparecida de Jesus; ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2014. p. 179–210.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Editora Dandara, 2022.